

LE CORBUSIER

Curtis Cate¹

Vítima de reveses e insultos enquanto viveu, este Leonardo moderno é hoje reconhecido como um dos mais criativos e controvertidos do mundo.

Certo dia, em 1909, o engenheiro-chefe do metrô de Paris foi convidado a fazer uma conferência na famosa *École des Beaux-Arts*. “Meus senhores”, ele começou, “dedicarei a palestra de hoje ao concreto armado [...]”.

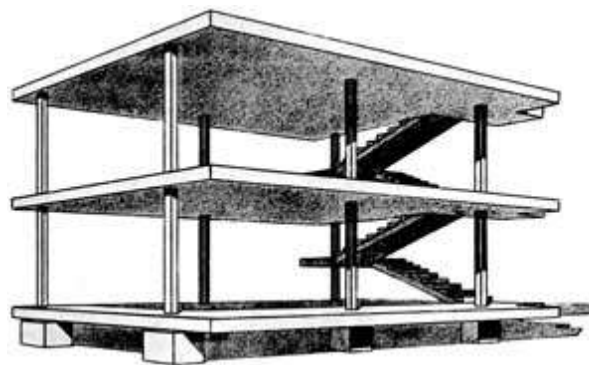
A sua voz imediatamente submergida por vaias e assobios dos estudantes revoltados, que estavam convencidos de que esse novo material de construção era bom para pontes e barragens, mas não interessava a arquitetos *refinados*.

Um jovem estudante suíço chamado Charles-Édouard Jeanneret (1887-1965) ficou tão irritado com as vaias que saiu da *Beaux-Arts* mais decidido que nunca a provar ao mundo que o concreto armado tinha possibilidades ilimitadas. A essa altura, Jeanneret, que jamais terminou o curso de arquitetura, fazia estágio de aprendizagem com Auguste Perret (1874-1954), um pioneiro francês que já desafiava a tradição arquitetônica construindo casas de concreto e vidro. “Minha luta contra meus amigos será uma luta contra a ignorância deles”, o jovem rebelde escreveu ao seu primeiro professor de desenho, em *La Chaux-de-Fonds*, sua terra natal, “[...] concreto armado será um novo e audacioso marco na história dos monumentos humanos”.

Essas palavras proféticas, escritas quando mal completara 21 anos, resumiam a missão a que ele dedicaria a sua e que faria de Le Corbusier (pseudônimo adotado para diferenciá-lo de dois parentes Jeanneret com quem trabalhou algum tempo) o mais criativo e controvertido arquiteto dos tempos modernos.



Le Corbusier em seu ateliê.



Maison Dom-Ino (1914)

FANTASIAS VISIONÁRIAS.

O concreto armado é um material relativamente barato e universalmente disponível, que tem dureza da pedra, a resistência à tração do aço e pode ser moldado sob quase qualquer forma. O que Le Corbusier podia fazer com esse material, ele próprio descreveu, em 1914, quando o exército alemão, recuando, deixou atrás de si dezenas de cidades destruídas na Picardia, em Flandres.

Em vez de penosamente reconstruir em tijolo e pedra as casas destruídas, ele propunha erguer estruturas pré-fabricadas compostas de pisos de concreto armado, que os donos mais tarde poderiam “preencher” com as janelas, portas e paredes que quisessem. Patentada como a *Maison Dom-Ino* (“casa-dominó”) – porque podia ser montada em vários formatos e séries –, foi rejeitada como a fantasia de um jovem sonhador; e a França teve de esperar mais 15 anos de caíetar oficialmente esse tipo de casa pré-fabricada.

Projetos subsequentes exibiam o mesmo gênio visionário. Já em 1915, Le Corbusier imaginava cidades construídas sobre pilotis, a fim de separar completamente os pedestres do tráfego de veículos. “Telhados caídos”, ele afirmava, “são desnecessários; e o espaço que assim se perde nas áreas urbanas poderia ser aproveitado para jardins suspensos, sobre superfície planas de concreto e à prova de água”.

Ele e seu primo, Pierre Jeanneret (1896-1967), em 1924, causaram sensação quando tentaram construir um grupo de casas recoberto de cimento líquido uma forma de tela de aço. Le Corbusier desenhou o primeiro edifício em forma de losango à volta de um vão de elevadores – antecipando assim em mais de 25 anos o desenho do impressionante *Pan American Building* – hoje *MetLife Building* –, construído em 1963 no centro de Nova York EUA. Foi também o primeiro a propor que plataformas para lavagem de vidraças fossem suspensas do alto de edifícios com fachada de vidro; uma técnica até hoje adotada em quase todos os prédios altos.

¹ Artigo originalmente publicado na revista *Seleções do Reader's Digest*, tomo II, n. 12, maio de 1972.

Mais importante, no entanto, foi a contribuição de Le Corbusier para o *International Style* (“estilo internacional”) da moderna arquitetura, com a criação dos prédios sobre pilotis, que se deve a ele mais que a ninguém. Assim eram o *Centrosoyus*, edifício que ele desenhou em Moscou, em 1928; o pavilhão suíço da Cidade Universitária de Paris, construído em 1932; e o Ministério da Educação, que ele e seus discípulos, Lúcio Costa (1902-98) e Oscar Niemeyer (1907-), projetaram em 1936, no Rio de Janeiro.



Une ville contemporaine (1922)

SETE INSTRUMENTOS

De seu pai, Le Corbusier herdou um interesse por todas as artes. Não era apenas arquiteto, mas pintor, gravador, escultor – esculpia em madeira, em colaboração com seu amigo Joseph Savina (1901-83) –, desenhista de móveis e tapetes, excelente escritor e até poeta, às vezes – daí seu colega Eero Saarinen (1910-61) tê-lo certa vez chamado de “o Leonardo do nosso tempo”.

Para Le Corbusier, a arquitetura não era apenas um trabalho; era um sistema de vida que deveria expressar o espírito da Idade da Máquina. Foi isso que ele, seu primo Pierre e o pintor Amédée Ozenfant (1886-1966) começaram a proclamar no princípio da década de 1920, numa série de manifestos. “A casa”, diziam, “é uma máquina de morar”. Consequentemente, casas e prédios de apartamentos – e até os móveis – deveriam ser funcionais como os automóveis, vagões *pullman* e navios.

Porém mesmo isso era apenas um suave prelúdio para o escândalo que se seguiria: uma proposta para que fosse erguido um conjunto de 18 arranha-céus de 25 andares num parque de Paris, bem ao lado do Sena e da *Nôtre-Dame*. Vias elevadas e altos prédios de escritórios deixariam a superfície livre para jardins, pequeno comércio e para o passeio de pedestres.

Apresentado na *Exposição Internacional de Artes Decorativas de Paris*, em 1925, o projeto desencadeou tal escândalo que o pavilhão onde a maquete era exibida foi isolado do público por cinco metros de cerca. Mas o mesmo escândalo tornou o arquiteto famoso internacionalmente.

Muito antes de o tráfego urbano se tornar o pesadelo que é hoje, Le Corbusier preocupava-se com problemas como a poluição do ar, o engarrafamento de trânsito, o alastramento de subúrbios, a densidade populacional e a praga das áreas industriais. Coisas como essas, àquela altura nem sequer mencionadas, preocupavam-no tanto que já em 1935 ele se referia ao moderno habitante das cidades com uma planta num porão escuro, forçada a inalar fumaça e sujeira aos ruídos constantes do tráfego, que destroem os nervos e exaurem o indivíduo.

ATRAINDO TEMPESTADES

Talvez nenhum arquiteto no século XX tenha sido vítima de tantos reveses. “Sou um condutor de raios. Eu atraio tempestades”, disse certa vez Le Corbusier de si próprio. Um dos primeiros reveses foi o “Escândalo *Pessac*”, em 1926. Le Corbusier contruíra um conjunto suburbano, com 51 casas em forma de cubo, de concreto armado, com paredes externas e internas de cores diferentes e jardins suspensos em vez de telhados e chaminés. As autoridades ficaram tão revoltadas com a aparência de *Pessac* que as declaram casas “inabitáveis”, recusando-se a fornecer água; e durante três anos impediram que fossem ocupadas.

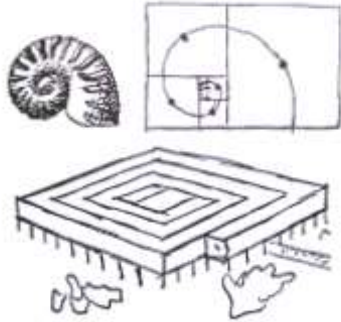


As casas cúbicas de Le Corbusier, em concreto armado, com jardins suspensos no lugar de telhados e chaminés. Foram construídas em 1926, Pessac (França).

Na Suíça, onde nasceu, foi chamado “Cavalo de Tróia” do consumismo. Em Moscou, o seu projeto para o *Palácio dos Sovietes*, em forma de leque, com um teto “flutuante” de concreto, suspenso por oito vigas de aço e um arco parabólico, foi condenado como “arquitetura notoriamente capitalista”. Em Paris, o seu *Musée à Croissance Illimité*, um museu projetado para crescer de dentro para fora, num “quadrado concêntrico” de caminhos e gramados, foi recusado, para ser construído 20 anos depois, na cidade de Ahmedabad, na Índia.

O que espanta é o fato de Le Corbusier ter conseguido construir alguma coisa. Realmente, às vezes estava sem dinheiro que nem podia se permitir a visitar obras menores que

lhe caíam às mãos, tais como vilas particulares. Mas amigos e admiradores compravam os seus quadros – a sua primeira exposição importante realizou-se em 1938 –; e os livros que ele estava escrevendo à razão de um por ano traziam algum dinheiro. Atraídos pelos seus livros, jovens arquitetos de 19 países diferentes acorriam ao seu *atelier* da *Rue de Sèvres*, em Paris, para trabalhar com ele, embora fosse tão pobre que não podia pagá-los.



Musée à Croissance Illimitée (1930)

Entre estes estavam alguns nomes famosos como José Luis Sert (1902-83), da Espanha; Georges Candilis (1913-95), da Grécia; André Wogenscky (1916-2004), da França; Yosizaka Takamasa (1917-80), do Japão; e Kim Chun Up (1922-88), da Coreia.



Unité d'Habitación à Marseille (1946)

Em 1946, Le Corbusier projetou um prédio de apartamentos para uma “comunidade” de 1600 pessoas. Construída em Marselha, na França, esta sombreada “Cidade Radiosa”, como Le Corbusier gostava de chamá-la, não tinha nada de parecido com os conjuntos residenciais comuns financiados pelo governo. Cada um dos seus 337 apartamentos era um duplex com uma sala de estar com pé-direito de 4,5 m, ligada a quartos de dormir menores, acima ou abaixo. Usando a cobertura para um ginásio e uma creche; e esculpindo elegantemente as chaminés que davam saída aos exaustores das cozinhas e as fornalhas de aquecimento, ele provou que um grande prédio de apartamentos poderia ser projetado com a mesma economia de um transatlântico.

Quando o mundialmente famoso arquiteto Walter Gropius (1883-1969) visitou a obra pronta, não conseguiu conter a sua admiração: “Qualquer arquiteto que não achar lindo esse prédio, é melhor largar os seus lápis”.

Aonde fosse, Le Corbusier era recebido como um dos mais inventivos “criadores de formas” do século. A Índia convidou-o para projetar *Chandigarh*, a nova capital do Estado do Punjab Oriental; Tóquio encomendou-lhe um museu; Veneza, um hospital; e a Universidade de Harvard pediu-lhe o projeto para o seu *Centro de Artes Visuais*. Na América Latina, os seus pilotis aparecem no Centro Cívico de Bogotá, na Colômbia; e na zona residencial de Brasília.



Edifício do Supremo Tribunal, em Chandigarh (Índia). A fachada reflete-se na água. Com esse reflexo, Le Corbusier buscava dar mais altura ao prédio, que é cercado pelas Montanhas do Himalaia.

NINGUÉM E PROFETA

Se alguma vez um profeta foi rejeitado em sua terra de adoção, esse profeta foi Le Corbusier. Embora tivesse se estabelecido na França durante a *Primeira Guerra Mundial* (1914/19), optado pela cidadania francesa em 1930 e casado com Yvonne Gallis; uma morena de olhos escuros de Montecarlo, os seus detratores franceses continuavam a atacar a sua obra. Até a famosa igreja de peregrinações em Ronchamp foi atacada publicamente, no princípio. Construída num pico cortado por ventos e cheio de neblina, perto da cidade suíça onde Le Corbusier nasceu, a igreja, deliberadamente assimétrica, tem uma torre em forma de silo, ao lado de um telhado de palha de uma cabana, a quilha de um veleiro, a coifa de uma freira ou uma concha de marisco.

O próprio Le Corbusier era uma personalidade contraditória, que podia recusar-se a receber um funcionário do governo (“Não tenho tempo a perder!”) ao mesmo tempo em que abria as portas do seu escritório a um aluno *da Beaux-Arts* que vinha se queixar do academismo dos seus professores. Exigia o melhor dos seus subordinados e obrigava-os a trabalhar duro, tanto quanto ele próprio trabalhava. Mas sabia ouvir. Muitas vezes entregava a um aprendiz o rascunho embrionário de uma idéia arquitetônica e mandava-o testá-la e desenvolvê-la.

Se as críticas ou sugestões do jovem lhe parecessem válidas, Le Corbusier dizia: "Interessante! Não tinha pensado nisso!" e mudava as suas idéias de acordo com a sugestão.



Fachada sudeste da Igreja assimétrica de Ronchamp (França), apresentando a torre em forma de silo e a cobertura curva em concreto armado aparente.



Monastério de La Tourette (1957/57, França)

O seu olho de pintor fascinava-se sempre com o jogo de luzes sobre estruturas. No *Mosteiro de La Tourette*, perto de Lyon, projetou uma capela cujos espaços vazios de concreto azul-claro e vermelho profundo cantam à luz do dia que desce através de chaminés ricamente coloridas. Mais dramático ainda são os jogos de luz que ele projetou para Ronchamp, onde as paredes vermelhas da torre em forma de silo espelham o mistério da Paixão.

A sensação que ele buscava com esses efeitos era "envolvimento espiritual". E conseguiu-o, a ponto de um padre dominicano ter dito que Le Corbusier, um incrédulo à sua maneira, era, na verdade, um "místico sem dogma".

Uma das edificações favoritas do arquiteto era a cabana de madeira que ele construiu em Roquebrune, no Mediterrâneo. Não chegando a medir quatro por quatro metros, era pouco mais que uma cela de eremita, mas era o que Le Corbusier queria. Mesmo depois do falecimento da mulher, em 1957, ele se recolhia aí para descansar. E foi nessa localidade, enquanto nadava no mar, que sofreu um ataque de coração e morreu, em 27 de agosto de 1965.



A cabana de Le Corbusier em Roquebrune (França).

O seu corpo foi levado para Paris, onde recebeu honras oficiais, no Louvre; e um elogio fúnebre no qual André Malraux (1901-76), então Ministro da Cultura, rendeu homenagem ao homem que "transformou a arquitetura [...] e o arquiteto". Mas foi ao lado de sua mulher, no cemiteriozinho de Roquebrune, que ele foi enterrado, conforme seu desejo.

Le Corbusier deixou 80 construções, cerca de 40 tapeçarias, perto de 50 esculturas – algumas das quais estão hoje num museu de aço e vidro que ele projetou em Zurique, na Suíça –, mais de 400 telas, quase 40 livros e numerosas litografias. Além disso, deixou o plano detalhado para a reconstrução de 30 cidades e para 7.000 outros projetos, que foram recolhidos no porão do seu estúdio e agora estão guardados numa das suas primeiras criações em Paris – a *Ville La Roche*, hoje Fundação Le Corbusier.



Ville La Roche, atual Foundation Le Corbusier

Como escreveu o seu amigo Walter Gropius: "Equilíbrio; uma profusão de arquitetura, de poesia e de espírito inventivo caracterizaram a vida e a obra desse homem universal. Em todos os campos do urbanismo e da arquitetura, ele contribuiu com soluções básicas e criativas que lhe sobreviverão".

Arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes reunidos sob a luz.

Le Corbusier (1887-1965)